**Escola Secundária Dr. Manuel Fernandes**

**PORTUGUÊS – 12º ANO**

**2017/2018**

**TEXTO DE APOIO**

**ÁLVARO DE CAMPOS**

*Vou fazer as malas para o Definitivo,*

*Organizar Álvaro de Campos.*

E, em derivação oposta à de Ricardo Reis, surge impetuosamente um indivíduo. Num jacto e à máquina de escrever, sem interrupção nem emenda, surgiu a Ode Triunfal de Álvaro de Campos, «a Ode com esse nome e o homem com o nome que tem».

Numa carta a Adolfo Casais Monteiro (1935), Pessoa estabelece a data de nascimento de Álvaro de Campos em 15 de Outubro de 1890, à 1,30 da tarde. Nasceu em Tavira e formou-se em Engenharia Naval por Glasgovv, embora se encontre em Lisboa em inactividade.

O drama de Álvaro de Campos concretiza-se num apelo dilacerante entre o amor do mundo e da humanidade: é uma espécie de frustração total feita de incapacidade de unifi­car em si pensamento e sentimento, mundo exterior e mundo interior. Revela como Pessoa a mesma inadaptação à existência, e a mesma demissão da personalidade íntegra. Mas, pela sua violência e fraqueza, põe mais a claro o que em Pessoa ficou discreto e implícito. Diz ele: «se eu fosse mulher — na mulher os fenómenos histéricos rompem em ataques e coisas parecidas — cada poema de Álvaro de Campos (o mais histericamente histérico de mim) seria um alarme para a vizinhança. Mas sou homem — e nos homens a histeria assume principalmente aspetos mentais: assim, tudo acaba em silêncio e poesia».

A sua procura da chave do ser e da inteligência do mundo torna-se desesperante. Tanto a Ode Triunfal como a Ode Marítima, são uma epopeia do mundo mecânico, do mundo do futuro que caminha para o absurdo. Concretamente, na Ode Triunfal, Álvaro de Cam­pos canta a fraternidade de todas as dinâmicas. Canta a civilização e a corrupção na política, os progressos, todas as coisas modernas como «Nova Revelação metálica e dinâmica de Deus»; canta a raiva mecânica em contraste com o desejo de sossego e de serenidade.

Mas é já aqui na Ode Triunfal e também na Ode Marítima que Álvaro de Campos nos dá a sensação de uma frustração radical — é na máquina, irracional e exterior, que se projetam os sonhos e os desejos do poeta: «Ah poder exprimir-me todo como um motor se exprime!/ Ser completo como uma máquina». A sua poesia oscila entre os versos «falhei em tudo» e os versos que prolongam o seu anseio de ser mais completo: «mais análogo serei a Deus, seja ele quem for. Porque seja ele quem for, com certeza que é tudo. E fora d’Ele há só Ele, e tudo para Ele é pouco.»